

Ao longo do ano

atmosferas, reflexões, festividades

Luiza Helena Tannuri Lameirão



Sumário

Como a luz solar chega à Terra?

Páscoa – a festa do amanhecer.

30 de abril de 2016

9

O que vivenciamos diante de uma paisagem?

João, o Batista – a voz que clama no deserto.

3 de junho de 2016

25

O chamado matinal.

O que Micael – Senhor do nosso tempo – nos diz a cada manhã?

24 de setembro de 2016

41

Natal – Uma criança quer nascer agora.

Podemos acolhê-la como Pastores e Reis?

2 de dezembro 2016

59

Cinco caminhos para o preparo das Festas.

77

Bibliografia

84



Como a luz solar chega à Terra?

Páscoa – a festa do amanhecer.

Observar a vida humana e a natureza nos desperta, por exemplo, para o céu azul que tivemos hoje, ao amanhecer. Que luz é esta que nos chega a cada manhã? Também podemos notar a luz através do cinza, como esteve o céu no decurso de toda a semana passada. Paul Klee¹ dizia que nos tempos de crise, os artistas pintam em branco e preto. As cores do amanhecer e do anoitecer podem nos encantar e até parecem semelhantes, mas, ao observarmos com atenção, notaremos peculiaridades, compreenderemos, inclusive, que esses momentos do dia alteram a vida interior do ser humano.

A questão do tempo é um dos grandes desafios para a humanidade contemporânea. O nascimento coloca o ser humano no espaço terrestre e começa o tempo de vida. Na morte, o tempo finaliza. Podemos nos perguntar: será que a finalização do tempo terrestre é a finalização de toda a trajetória de um ser humano? Quando esses momentos de nascimento e morte acontecem em condições naturais é como se o tempo formasse uma bolha ou um instante com gosto de eternidade. As crianças pequenas guardam isso bem no coração. Quando brincam, elas suspendem o tempo. É por isso que não faz sentido para elas quando dizemos “vamos, está na hora do banho”, ou “anda logo, senão vamos chegar atrasados”. As crian-

¹ Paul Klee (1879-1940) foi um pintor e poeta suíço.

ças estão completamente envolvidas nesse ambiente, muito bem caracterizado pelo filósofo português Agostinho da Silva,² ao dizer que a criança quando brinca suspende o tempo.

A passagem da vida humana nos leva à relação com o tempo. Essa relação com o tempo pode ser a trajetória inteira de vida, pode ser o decurso do ano – como observaremos nesse ciclo de palestras, aqui na escola – o decurso do mês, que as mulheres sentem mais fortemente no organismo e os homens sentem a consequência daquilo que as mulheres vivenciam, a semana, o dia e a noite. Podemos nos perguntar: quais são as semanas arquetípicas desse decurso do tempo em sete dias?

Bem no princípio do mundo, houve uma semana, aquela que chamamos de *os sete dias da criação*, que se inicia com a possibilidade de, na escuridão, se fazer a luz. Acerca de tudo aquilo que vai acontecendo durante esses dias, é dito que é bom. E porque tudo o que foi feito em seis dias se torna bom, é possível descansar no último dia. Interessante: eu faço, faço, faço, me afasto, observo, vejo que tudo correu bem, e então, no sétimo dia, posso descansar.

Mas a semana que atualmente chamamos de Semana Santa nos trouxe um privilégio maior. Domingo, o dia solar que inaugura a semana, após o feito de Cristo, nos dá de antemão a pausa para que tenhamos acesso à nossa alma. O primeiro dia da semana é aquele no qual podemos acolher a luz solar e introduzi-la em toda a semana, que ganha, assim, um novo sentido. Na primeira semana a qual me referi, só recebíamos a pausa como consequência do trabalho realizado; na outra, nós ganhamos de presente a possibilidade de iluminar a semana com a

² George Agostinho Baptista da Silva (1906-1994) foi um filósofo, poeta e ensaísta português.

luz do domingo. Há algum tempo, a humanidade instituiu o fim de semana, sem nenhuma sabedoria consciente: o sábado e o domingo. Desde então, o sábado pode ser o dia de colheita, dia de recolher tudo o que aconteceu na semana e olhar para isso; observar se nós conseguimos cumprir tudo o que nos propusemos, semelhante ao anoitecer diário. O domingo pode ser o dia de, com lucidez, ver de que maneira encaminharemos a semana que virá, semelhante a todo o amanhecer. Assim, é interessante observar que a semana ganhou as qualidades de luz e calor da grandeza do Ser Solar que esteve entre nós.

O que acontece a cada amanhecer? Posso olhar e ver o céu azul, como fiz hoje. Ontem, estava cinza; anteontem, estava cinza e, antes de anteontem, também estava cinza. Três dias de céu cinza e, de repente, um céu azul com muita luz. O que se transforma em nós quando olhamos o amanhecer? Quando nos detemos a olhar, constatamos uma boa disposição para encarar o dia e uma renovação!

A noite é a pausa natural de nosso processo de consciência; essa pausa noturna nos dá, no dia seguinte, a qualidade de renovação, de disposição para o que virá. Com exceção daquelas noites nas quais não dormimos bem, quando acordamos sem leveza, não há aquela boa disposição para o que virá, temos vontade de permanecer na cama. Frequentemente podemos vivenciar isso.

Guimarães Rosa tem uma frase que considero especialmente bem elaborada para caracterizar o amanhecer do dia e o entardecer. Mas ele parte da noite; por que será que ele parte da noite? Sábio esse Guimarães Rosa! Ele diz: “Uma noite lembrada em mim, de sereno a orvalho”.³ O que faz o sereno da noite? Quando

³ ROSA, J.G.: *Grande sertão: veredas*. Edição comemorativa, ed.Nova Fronteira, RJ, 2006, p.518

eu era criança, minha mãe dizia: “menina, sai do sereno!” Hoje em dia, não ouço ninguém mais falar de sereno, até porque percebê-lo em uma grande cidade como São Paulo não é algo simples; quem mora mais afastado, com certeza, terá mais vivências de sereno do que quem mora em grandes centros urbanos.

E no amanhecer, o orvalho! Uma única gota de orvalho na pétala da flor é uma das coisas mais grandiosas, porque a gota contém o mundo inteiro refletido. Todas as possibilidades do dia estão na gota de orvalho. O interessante é que as próprias palavras “sereno” e “orvalho” já indicam as características do que fazer no fim do dia e no nascer do dia: se não serenarmos o dia, não teremos uma noite que nos dará a disposição para tudo o que há de vir, para aquilo que o orvalho mostra pela manhã, uma vez que o mundo inteiro está refletido naquela gota. De que maneira nos preparamos para o mundo da noite?

Isso tudo para dizer que a Páscoa é a festa do amanhecer. Que festa é essa, então? É a festa da nova disposição, da renovação, da transformação que a noite nos dá naturalmente. Mas, enquanto adultos, não podemos nos basear naquilo que nos é dado por natureza. Por meio da força de consciência, podemos realmente buscar na noite algo que nos renove, que nos traga força para o que virá. O amanhecer depende do anoitecer.

Do ponto de vista do decurso do ano, o anoitecer se compara a todos os dias da Quaresma, também chamada de época da Paixão, quando nos constrangemos ao perceber o que aconteceu com nossos ideais de vida: será que ainda nos vinculamos a nossos ideais de vida? Será que conseguimos levar adiante a luz que nos foi apresentada no Natal? Essa grande dádiva se estende até a Semana

Santa? Se a cada dia sobram tarefas em nossa agenda, certamente nossos ideais já foram ficando bem para trás.

Essa renovação dos ideais de vida depende de que possamos fazer uso daquilo que temos de novo em nós para transformá-lo em algo vivo. Um aspecto central na antropologia de Rudolf Steiner nos faz compreender os processos de aprendizagem: todos os processos que se passam em nossa cabeça, em nosso sistema nervoso, são processos de morte. A cada dia, vivenciamos a morte quando ativamos esse âmbito.

Há diferença entre pensar algo a partir do que obtemos das percepções sensoriais ou a partir daquilo que temos como ideal de vida; nesse caso, a ideia vem carregada de entusiasmo por realizar algo. O que acontece com essa ideia? Ela vive só no âmbito do morto? Ela passou pelo âmbito do morto, mas não vive apenas lá. Por que não? Porque, agora, a ideia vem preenchida pela minha motivação e o meu entusiasmo de levar uma ação adiante. Assim, a ideia sai da região morta e penetra nos âmbitos que nos levam ao futuro.

Nossos ideais estão protegidos, muito protegidos, pelo nosso maior companheiro de vida, com muito mais fidelidade do que nós mesmos conseguimos. E o mais intrigante é que esse parceiro aparece na manhã de Páscoa para as mulheres que chegam ao túmulo vazio. Quem é esse parceiro que aparece lá? O que aconteceu no amanhecer de Páscoa quando as mulheres chegaram ao túmulo e ele estava vazio? Elas se aproximam e percebem seres de vestes brancas, fulgurantes, como anjos. O anjo nos acompanha com toda a fidelidade em direção aos nossos ideais. A cada amanhecer, o anjo sussurra, nos relembra; com

o orvalho, vem a disposição de andarmos em direção a nossos ideais de vida.

No relato de João, o Evangelista, a figura foi confundida com um jardineiro. Além de aparecerem anjos, Maria Madalena viu o ressurreto e não o identificou imediatamente, pensando se tratar de um jardineiro. O que faz um jardineiro? Cultiva, vitaliza a terra, cuida das plantas para que elas se tornem realmente vitais, semeia e colhe. Portanto, o ideal e a vitalidade andam juntos, porque se consumirmos todas as forças apenas pensando nos ideais não os realizaremos. A festa da Páscoa se caracteriza pela qualidade humana de ser capaz de renascer para os ideais, de ganhar vitalidade para levá-los adiante.

Já foi comprovado que o sistema nervoso tem, sim, plasticidade, não é irreversível como se pensava há alguns anos. Mas, quando comparado à vitalidade do sistema metabólico e, principalmente, à constante renovação do sangue, o sistema nervoso é muito pouco vital. Quando percebemos a realidade viva, ela passa a viver dentro de nós, mas como uma imagem. Assim representada em nosso sistema nervoso, a imagem perde o caráter de realidade e permanece virtualmente em nós. Nesse sentido, o sistema nervoso é o menos vitalizado. E cada vez que eu recordo – e recordo a partir do espírito – trazendo algo à tona do poço da memória, tenho a possibilidade de revitalizar, de ampliar, no sentido de que, por meio da recordação, podemos mobilizar o que estava estático. Isso é o que cada professor faz com seus alunos ao amanhecer. No momento em que recorda a aula anterior, o professor está retirando um conteúdo do âmbito morto, mobilizando um pouco, trazendo novos aspectos para ampliar e flexibilizar os conteúdos. E sabemos: nossa memória é matizada por aquilo com o qual

tivemos uma relação de sentimento; por um lado, algo maravilhoso e positivo, por outro lado, momentos de grande pesar e gravidade. O sentimento carrega a possibilidade de fortalecer a memória. Mas a memória fiel, diz Rudolf Steiner, é a irmã da observação fiel. Ao observarmos, poderemos nos tornar independentes desse pulsar entre “gostei ou não gostei” e nos tornarmos realmente servos do fenômeno. Teremos, então, uma memória que vem junto com a humildade de ser fiel ao que foi percebido ou vivenciado, e que podemos buscar dentro de nós. Caso contrário, a memória sempre dependerá do pendular anímico: gosto, não gosto; isso me faz feliz, aquilo me faz triste.

A Páscoa nos dá essas duas possibilidades: a vitalidade vivenciada pela boa disposição ao amanhecer; e a renovação, principalmente a renovação de nossos ideais. Da mesma forma como tivemos o tempo todo da Quaresma para nos vincularmos de fato ao que deixamos para traz, àquilo que voltaremos a buscar com o impulso da Páscoa, a seguir, temos outros quarenta dias até a Ascensão, para conviver com a renovação de nossos ideais em pura leveza, em pura saúde, em pura lucidez e em parceria com esse companheiro que é fiel aos nossos ideais. A maior possibilidade de nos tornarmos autônomos, de não nos submetemos mais às nossas condições orgânicas, nem às condições ambientais e culturais advém de nossos ideais.

Somos autônomos para gerarmos e nos vincularmos aos ideais de vida. A autonomia humana nos torna capazes de superar as características herdadas da família. Por exemplo, vários membros de uma família têm doença cardíaca; no entanto, um membro dessa família se sobrepõe a essa tendência. Ele poderia ter

a doença como herança de seus antepassados; por que será que conseguiu se sobrepor? De onde vem essa autonomia? Ela não pertence à hereditariedade, mas à maneira como ele lidou com o que lhe foi dado. O ser humano tem autonomia porque vive em nós uma centelha divina, uma centelha divina que é capaz de se sobrepor a tudo que vem tanto do lado hereditário, biológico, corporal, quanto o que vem do lado ambiental: nossa educação, nossas condições culturais, nosso momento histórico.

Considerar que o ser humano não é somente o resultado da luta entre ambiente e hereditariedade inclui um terceiro elemento, o elemento que nos torna únicos, nos torna indivíduos capazes de superar essa luta, em maior ou menor grau, dependendo da força individual. Esse é o alvo de nosso trabalho na Pedagogia Waldorf: lidar com as condições corporais e ambientais, minimizando os impedimentos que elas possam trazer à expressão da individualidade. Enquanto educadores, fazemos isso pelas crianças e jovens, mas cada adulto, cada um de nós, faz por si mesmo. Essa qualidade torna a Pedagogia Waldorf cristã. Nós festejamos o decurso do ano porque festejamos a qualidade da autonomia, a qualidade que Cristo trouxe para a humanidade por meio de Seu ato na Terra.

Estamos em plena época de Páscoa, ainda estamos vivenciando a Páscoa. Os chocolates já acabaram nas geladeiras de todos nós; muitos marcos concretos da Festa de Páscoa podem já ter desaparecido, mas ainda estamos nessa época e ainda faltam alguns dias para completar os quarenta dias após a Páscoa. E por que quarenta? Estranho, não é? É um número alheio ao nosso cotidiano; em geral temos uma semana, ou um mês, um ano e, de repente, aparecem os quarenta

dias. O que significa quarenta no decurso do tempo? Quando eu era criança, não se visitava os bebês antes que passasse a quarentena. Os mais jovens talvez nunca tenham ouvido falar nessa fase de quarentena após o nascimento de uma criança. O número quarenta tem uma qualidade bem interessante; aparece várias vezes quando é necessária uma transformação. O período de quarenta dias é levado em consideração quando se refere a um indivíduo; algumas lendas relatam que João, o Batista, viveu essa experiência no deserto. Quando a transformação se refere a um povo todo, são quarenta anos, tal como aconteceu com o povo hebreu quando foi conduzido por Moisés no deserto. O ano é proporcional ao dia, na relação em que o ano vale para o povo, para a comunidade inteira, e o dia para cada indivíduo.

Passaram-se quarenta dias da ressurreição de Cristo, nos quais os que estavam próximos puderam conviver com Ele, não por meio da percepção sensorial que distingue um corpo que ocupa um lugar no espaço, mas puderam conviver com Ele a partir da percepção daquilo que acontece como vida no tempo. E depois de quarenta dias de intensa compreensão daquilo que Cristo pôde trazer à Terra, ele desapareceu nas nuvens. Como vivenciamos esse desaparecimento nas nuvens?

O que são as nuvens? As nuvens são casas, são sedes de seres espirituais da mais alta hierarquia. As nuvens reúnem elementos: água, luz e ar. Existe uma esfera ao redor da Terra composta por esses elementos que pode ser mais ou menos calorosa, mais ou menos luminosa. Variável, mas sempre existente. E foi nela que Cristo desapareceu, é onde ele mora. Por isso é tão importante observar o céu, é tão importante observar como a luz solar chega à Terra a cada manhã. O impulso crístico vive na luz solar! Cristo vinculou-se à Terra, à esfera de vida